

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n46p135>

VICISSITUDES DE UMA HISTÓRIA DA RBCE: 35 anos de editoração científica (1979-2013)

Felipe Quintão de Almeida¹
Jaison José Bassani²
Alexandre Fernandez Vaz³

RESUMO

Discorre sobre dificuldades, desafios e dilemas da editoração científica das revistas na área da Educação Física brasileira. Utiliza a “Revista Brasileira de Ciências do Esporte” (1979-2013) como fonte, a partir da qual opera uma análise de conteúdo dos editoriais publicados ao longo de 34 anos de seu ciclo de vida. A análise evidencia a evolução científica do periódico, mas também as dificuldades, os desafios e os dilemas políticos e epistemológicos que seus editores (e a área que representam) enfrentam para conduzir a política científica do periódico mais longo da área.

Palavras-chave: Periódicos; Pós-Graduação; Ciência; Educação Física

-
- 1 Doutor em Educação. Professor do Departamento de Ginástica e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFES, Vitória/Espírito Santo, Brasil. E-mail: fqalmeida@hotmail.com
 - 2 Doutor em Educação. Professor dos Programas de Pós-graduação em Educação e em Educação Física UFSC, Florianópolis/Santa Catarina, Brasil. E-mail: jaisonbassani@uol.com.br
 - 3 Doutor em Ciências Humanas e Sociais. Professor dos Programas de Pós-graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas UFSC, Florianópolis/Santa Catarina, Brasil. E-mail: alexfvaz@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo, neste artigo, é descrever dificuldades, desafios e dilemas editoriais enfrentados pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), órgão do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)⁴, nos seus mais de 30 anos de vida. Entendemos que esse exercício investigativo permite tanto evidenciar questões relativas à gestão técnica e política de um periódico, mostrando sua evolução científica no interior de uma área determinada, quanto também lançar luzes, em alguma medida, sobre o próprio processo de constituição e consolidação da Educação Física como área não apenas interessada no saber científico, mas também na sua produção, ou seja, no “fazer científico” (BRACHT, 2013). Nesse sentido, a história desse periódico é muito instrutiva, pois ela, entre outros aspectos, desenrola-se ao mesmo tempo em que o sistema da Pós-Graduação em Educação Física é criado e amadurece, tendo a RBCE como testemunha e veículo importante em sua consolidação. O próprio campo da Educação Física brasileira acumulou reflexões diversas sobre a Pós-Graduação *Stricto Sensu* (MANOEL; CARVALHO, 2011; CARVALHO; LINHALES, 2007; BRACHT, 2006; BETTI *et al.*, 2004). A RBCE, por sua vez, publicou dois números, um em 2003 e outro em 2007, dedicados a ela e à avaliação da produção na área (REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2003; 2007). Nesse contexto, não é razoável discorrer sobre os dilemas políticos e epistemológicos desse sistema sem discutir seus impactos

nos periódicos científicos, pois alterações na política de avaliação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) têm produzido muitos efeitos nas políticas de publicação. Tudo o que afeta as revistas, portanto, diz respeito à Pós-Graduação *Stricto Sensu* (STIGGER *et al.*, 2011).

A RBCE é um periódico bastante estudado no campo da Educação Física. Normalmente é utilizado como “fonte”, a partir da qual se analisa seu conteúdo. Tomar uma revista a partir dessa diretriz dá-se “[...] pelo estudo específico e ‘interno’ ao próprio periódico e sua produção, a partir do qual é possível reconstruir num momento dado, estágios de funcionamento e estruturação do campo educacional, movimentos de grupos de professores, disputas e atuações” (CATANI; SOUZA, 1999, p. 11). Essa é, também, nossa opção no presente texto, ao estudar os editoriais publicados ao longo de seu extenso ciclo de vida. São mais escassas, contudo, as reflexões que tomam o impresso como “objeto” ou, então, que o avaliem com os indicadores da bibliometria ou cienciometria. Especificamente no caso dos seus editoriais, ele já foi foco de análise em Paiva (1994) e Castellani Filho (2007). Nossa abordagem, aqui, difere da desses dois autores, pois o objetivo é aprender as políticas editoriais (e o modo pelo qual os editores se “movimentam”) em face das dificuldades, desafios e dilemas que o campo científico apresenta aos seus periódicos.⁵

4 Para maiores informações, consultar www.cbce.org.br e www.rbceonline.org.br.

5 Nesses dois autores é foco recai mais sobre as disputas (políticas) que aconteceram no âmbito do CBCE e, claro, nas suas repercussões para o entendimento de ciência presente no âmbito da instituição.

Para o exercício pretendido, revisamos os editoriais da RBCE. Nesse tempo, que vai do primeiro número, lançado em 1979, até a primeira edição de 2013, a RBCE publicou 102 edições. Em 93 delas encontramos editoriais. Uma pré-análise do material foi realizada, seguido de uma exploração dos textos com vistas a produzir uma codificação e categorização para posterior interpretação (BARDIN, 2006). Esse processo resultou na organização dos conteúdos dos editoriais a partir de três ciclos, cujas características serão exploradas adiante. Eles evidenciam a evolução do periódico, mas também as dificuldades, os desafios e os dilemas (políticos e epistemológicos) que seus editores (e a área que representam) têm enfrentado para conduzir uma política científica bem-sucedida.

O artigo está organizado em uma única parte, dividida em três subtópicos. Nela, narramos as principais dificuldades, os desafios e alguns dilemas dos editores da RBCE ao longo de seu ciclo de vida. As considerações finais pontuam sobre outros desafios associados à editoração dos periódicos científicos.

Dificuldades, desafios e dilemas de um periódico científico: os editoriais da RBCE (1979-2013) em análise

As vicissitudes de um periódico científico são também do próprio campo acadêmico (e, desse modo, da própria Pós-Graduação *Stricto Sensu*). É impossível separar um do outro. Tomando os editoriais em retrospectiva, podem-se identificar três distintos momentos na história de vida da RBCE. Essas fases não devem ser concebidas de modo estanque, não somente porque

algumas dificuldades, desafios e dilemas atravessam toda a história da revista, mas também porque um ciclo depende de ações que, às vezes, são encetadas em outro período. Apesar disso, elas constituem um “termômetro” do que acontece na produção do conhecimento e na Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física.

Primeiro ciclo

Uma primeira fase da RBCE pode ser caracterizada pela incipiência, expressão de um campo acadêmico que começa a se erguer (vale lembrar que o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação Física é de 1977, na Universidade de São Paulo, dois anos antes de a RBCE iniciar suas publicações). Alguns registros possibilitam essa avaliação. Já no editorial do segundo número, conclui-se que “[...] quem faz ciência é um prático” (EDITORIAL, v. 1, n. 2, p. 5, 1980). Essa frase simboliza esse ciclo inicial. Entre o v. 4, n. 2 de 1983 e o v. 6, n. 3 de 1985, a RBCE publica, nos editoriais, um “Comunicado dos editores da RBCE”. Nele, os signatários informam à comunidade que “[...] os trabalhos serão submetidos aos revisores, que são os próprios membros pesquisadores do CBCE e estes poderão solicitar modificações ou até rejeitar algum trabalho” (COMUNICADO, v. 4, n. 2, p. 66, 1983). No editorial do v. 6, n. 3, p. 175, 1985, chega-se a dizer que “[...] a revista nunca recusou um trabalho que fosse sério e coerente”. Chama a atenção, nessas “chamadas”, o fato de os trabalhos serem avaliados pelos membros pesquisadores do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), pois a revista não possuía um corpo de pareceristas *ad hoc*, mas,

principalmente, a ênfase no fato de que os trabalhos “poderão ser reprovados” ou, então, artigos “sérios e coerentes” nunca foram recusados. Fica mais fácil entender o “tom” desse argumento quando o situamos em relação a uma grave dificuldade enfrentada pela revista naquela altura: a escassez de trabalhos para publicar. Os editores assim se manifestam: “[...] mesmo existindo produção científica expressa pela participação em congressos, esta não se reflete naquilo que é o complemento da investigação, ou seja, a publicação científica. Podemos dizer que, em nosso país, na área de Ciências do Esporte, ainda estamos escrevendo pouco” (EDITORIAL, v. 2, n. 3, p. 5, 1981). Essa reclamação também está presente nos dez “Comunicados dos Editores da RBCE” publicados entre 1983 e 1985. Esses “Comunicados” incentivam a todos os membros do CBCE (em especial os seus pesquisadores) a enviar seus trabalhos ao periódico, pois se constata que as produções apresentadas em congressos não eram submetidas à RBCE nem a outras revistas da área: “[...] nós, Editores da RBCE, gostaríamos em breve de podermos ver sobre as nossas mesas, muitos trabalhos para que possamos passar aos leitores da RBCE [...]” (EDITORIAL, v. 4, n. 3, p. 73, 1983).

Além da pequena quantidade de submissões, os textos que chegavam para avaliação não respeitavam as normas do periódico. Dizem os editores: “Continuamos lembrando a todos os membros do CBCE que não esqueçam de verificar as normas de publicação, para que possamos agilizar ainda mais a revista” (EDITORIAL, v. 6, n. 1, p. 99, 1984). Esse é mais um “recado” explícito no “Comunicado dos Editores da RBCE”, mas que é também anunciado em inúmeros editoriais. Os editores chegam mesmo a

dizer que a RBCE vinha publicando mais trabalhos na “área biológica” – expressão algo imprecisa empregada até hoje entre nós para caracterizar trabalhos que utilizam referências e procedimentos metodológicos provenientes das Ciências Naturais – não por culpa deles, “[...] mas porque foram os trabalhos enviados para a Revista e que obedeceram às normas da mesma” (COMUNICADO, v. 4, n. 2, p. 66, 1983).

A escassez de artigos e a não observância das normas de publicação fizeram da manutenção da periodicidade o principal desafio da RBCE nessa fase de sua vida. Não surpreende ser o tema mais comentado nos editoriais. Abaixo reproduzimos dois trechos de edições publicadas em 1985, ano em que o quadro, ao que tudo indica, se agravou:

A Nossa Revista continua sua caminhada na Ciência do Esporte, procurando ocupar seu espaço, apesar de todas as crises e dificuldades. Continuamos com a falta de trabalho, sendo este um dos motivos de seu atraso, sendo que outros nos mandam trabalhos totalmente fora das normas de publicação desta Revista (EDITORIAL, v. 6, n. 2, p. 137, 1985).

Sabemos do atraso da revista, não precisa ficar bravo e deixar de ser membro do CBCE. O problema não é só dos Editores e sim de todos os membros, principalmente daqueles credenciados como pesquisadores e dos que fazem pesquisa em Ciências do Esporte. Sendo assim, estamos na “Nova República” batendo na mesma tecla – não há trabalhos para publicar – e com isso a revista não chega às mãos dos membros do CBCE. Publicar qualquer coisa nem sequer entra em cogitação em se tratando de uma revista científica. Recentemente tivemos oportunidade de ler um artigo

publicado na Revista Brasileira de Tecnologia, de Simon Schwartzman, onde ele ressalta que a maioria das revistas científicas, principalmente no Brasil, sofre do que poderíamos chamar de irregularidade aguda, portanto este problema não é exclusivo dos Editores e membros do CBCE [...]. Gostaríamos finalmente de expressar nosso contentamento pela chegada de vários trabalhos, mas também solicitar aos autores que, por favor, leiam com atenção as normas da RBCE, pois já estamos um pouco cansados de bancarmos os “co-autores anônimos”, corrigindo erros de Português, refazendo gráficos, refazendo resumos em Inglês, colocando data em referências bibliográficas, etc., pois para nós isto está sendo um preço bastante alto que estamos tento que pagar, para mantermos as características de uma revista de alto padrão científico, mas saibam, não estamos arrependidos. Nossos professores de Educação Física foram os profissionais que mais publicaram na RBCE e é com muita “esperança nova-republicana” que ansiamos por uma fase melhor para nós membros e para a nova diretoria do CBCE (EDITORIAL, v. 6, n. 3, p. 175, 1985).

O problema com a “irregularidade aguda”, característico dos seis primeiros anos da revista (1979-1985), não é abordado entre os editoriais do v. 7, n. 2 de 1986 e o v. 10, n. 1 de 1989. Uma hipótese a ser aventada é que as causas anunciadas nas citações acima já não explicavam os motivos do não cumprimento da periodicidade. Nesse momento, um novo elemento aparece: o financiamento⁶. Na edição seguinte ao v. 10, n. 1 de 1989, junto ao editorial, assinado por um “Conselho Editorial” (na época composto por Aguinaldo Gonçalves,

Alfredo Gomes de Faria Jr., Alberto Carlos Amadio, Apolônio Abadio do Carmo, Haimo H. Fensterseifer, tendo Rossana Veria de Souza e Silva como editora científica), publica-se uma “Apresentação” que anuncia que, após um ano de atraso, a RBCE vem a público. Ao justificar o atraso, afirma-se que ele se deu “[...] exclusivamente em decorrência da falta de recursos financeiros, situação a que estiveram sujeitas também outras renomadas Revistas de Entidades Científicas do Brasil; [...] estamos envidando esforços para que, em breve, tenhamos colocado os números em dia” (APRESENTAÇÃO, v. 10, n. 2, p. 47, 1989). O tema retorna ao editorial da edição seguinte:

as entidades científicas brasileiras vêm se confrontando com inúmeras dificuldades, que muitas vezes colocam em risco compromissos assumidos pelas mesmas. tais dificuldades decorrem de fatores conjunturais e estruturais, e se expressam em diferentes dimensões, entre as quais destacam-se a escassez de recursos destinados ao desenvolvimento científico [...]. no entanto, considerando o papel relevante das publicações no campo do conhecimento, vem sendo realizado um esforço coletivo para a recuperação da periodicidade da revista, o que vem ocorrendo de forma gradativa. este esforço se concretiza na edição do presente número (editorial, v. 10, n. 3, p. 2, 1989).

Além desses esforços para garantir a periodicidade, não podemos nos esquecer das iniciativas, ainda nesse primeiro ciclo de sua vida, no sentido de aprimorar o trabalho de editoração. Destacamos, antes de passarmos à análise do ciclo seguinte, os inúmeros ajustes que a revista experimentou

6 A RBCE é, prioritariamente, financiada pelo CBCE. Apesar disso, tem como prática, há muitos anos, de recorrer aos editais públicos que destinam verbas para a editoração de periódicos.

em suas normas de publicação e mesmo em seu formato, todos eles, por um lado, “[...] visando torná-la um veículo de comunicação mais completo [...]” (EDITORIAL, v. 4, n. 2, p. 29, 1983) e, por outro, com o objetivo de “[...] chegar ao leitor como um canal de veiculação de um conhecimento produzido e acessível, não apenas a um pequeno grupo de iniciados, mas também àqueles que dão diferentes passos tanto na produção científica, quanto na reflexão crítica sobre os problemas da realidade” (EDITORIAL, v. 10, n. 2, p. 46, 1989).

Essas alterações também revelam o entendimento da política científica que predominava na revista. Uma nos chama a atenção, pois está “na ordem do dia” dos dilemas políticos e epistemológicos da editoração de periódicos em Educação Física (JOB, 2013): a possibilidade/necessidade, ou não, de se publicar em inglês. As normas de publicação da RBCE anunciam que o idioma de publicação é o português e que os artigos somente serão enviados para avaliação se assim estiverem redigidos. Quando se tratar da submissão por parte de autores estrangeiros, ela “[...] deverá se fazer acompanhar de uma carta autorizando a Revista a providenciar a respectiva tradução e isentando a Revista ou o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte de qualquer erro, omissões ou prejuízos que possam resultar da tradução” (NORMAS DE PUBLICAÇÃO, v. 4, n. 1, 1982). Essa medida dá a entender que a revista não estava preocupada em receber artigos originais em outras línguas, como o inglês. Anuncia-se, ainda, que se o artigo tivesse fotografias, elas seriam pagas pelos autores que fizessem a submissão⁷.

Essa orientação é seguida até o v. 6, n. 3 de 1985 pois, a partir do v. 7, n. 2 de 1986 (o v. 7, n. 1 de 1985 não publica normas de publicação – talvez por se tratar dos anais do Conbrace de 1985), as normas indicam que a revista publicaria artigos em português mas também em inglês. Essa diretriz segue válida até o v. 10, n. 1 de 1988, pois a edição seguinte não possibilita mais a publicação em inglês (NORMAS DE PUBLICAÇÃO, v. 10, n. 2, 1989). O editorial desse número (EDITORIAL, v. 10, n. 2, p. 46, 1989), assinado pelo “Conselho Editorial” acima referido, não menciona e nem explica essa mudança na política da RBCE, mas seu tom é de crítica a uma forma de fazer ciência dita “positivista”, mais afinada com a necessidade de se publicar na língua inglesa. O fato é que o periódico não publica mais em inglês e alguns editoriais assumem um caráter cada vez mais “engajado”. Com Paiva (1994) e Damasceno (2013) conseguimos compreender o quadro político e epistemológico em que isso aconteceu, produzido por disputas e discussões que aconteceram no âmbito do CBCE durante esse período, especialmente sobre o entendimento de ciência, em geral, e sobre o papel social da Educação Física como área de conhecimento, em específico, que a instituição deveria adotar e fomentar, com claras repercussões e consequências também para a RBCE, como órgão de difusão da entidade.

“Chegamos”, então, aos anos 1990. Os esforços dos anos anteriores foram produtivos, pois os editoriais do v. 11, n. 2 e n. 3, ambos de 1990, anunciam que a periodização voltou ao normal, graças às contribuições do CNPq, do Ministério

7 Observe-se que antes da fotografia digital, a impressão de uma foto na revista demandava a produção de um clichê de matriz tipográfica cujo custo não era pequeno.

da Educação e de algumas Universidades Federais (embora não se especifique o tipo de contribuição). A partir de então, avaliamos que a RBCE inicia um novo ciclo de sua vida, que atravessará toda a década de 1990 e se consolidará no início dos anos 2000. Essa fase é caracterizada pela forte preocupação em elevar os padrões de cientificidade da revista que, cada vez mais, procura amadurecer o sentimento de que fazer ciência, no Brasil, não deve ser assunto para amadores. Várias são as modificações na política editorial. Vamos às mais importantes.

Segundo ciclo

Já naqueles dois editoriais iniciais dos anos 1990, medidas são anunciadas: renovação do Conselho Editorial e estabelecimento da titularidade mínima (Doutorado) para sua composição; criação de uma editoria adjunta (depois extinta); implantação de fluxos e instrumentos racionalizadores da produção, entre os quais o *peer review* no sistema duplo- cego; novas seções no interior da revista são estabelecidas, ao mesmo tempo em que, a partir do v. 12, n. 1, 2 e 3, de 1992/1993, têm início as publicações dos números por temáticas. Nesse momento, o editorial do v. 14, n. 3, p. 109, de 1993 acena para preocupações que, em alguma medida, são as que nos ocupam ainda hoje:

[...] sobre a posição em que se encontra a Educação Física/Ciências do Esporte no Brasil hoje, da produção na pós-graduação, do estatuto epistemológico da Educação Física/Ciências do Esporte, da editoração em Educação Física/Ciências do Esporte e finalmente da

contribuição do CBCE nos seus 15 anos de existência em relação às produções de conhecimento em Educação Física/Ciências do Esporte.

Em dois editoriais posteriores, anuncia-se que o perfil temático das edições continua, embora possam ser submetidos artigos fora da temática escolhida. Ao mesmo tempo, eles deixam clara a preocupação em manter a periodicidade alcançada, avançando “[...] na qualidade e seriedade científica das publicações” (EDITORIAL, v. 15, n. 2, p. 165, 1994). No número seguinte, outro indício de que os esforços em favor da qualificação editorial vão sendo tomados: na perspectiva de agilizar o processo de encaminhamento dos trabalhos que são submetidos e, na sequência, enviados à editora para publicação, solicita-se que os interessados em publicar na RBCE remetam, junto com a cópia impressa do texto, o “[...] disket para computador, de preferência nos programas WORD4, WORD5, WORD/WINDONS, RPD, WORKSTAR” (EDITORIAL, v. 15, n. 3, p. 225, 1994). Até então, os trabalhos datilografados ou digitados eram remetidos por serviço postal para a editoria da revista. Nos dois editoriais seguintes, o aviso sobre a necessidade do *disket* é novamente publicado. Tornam público, aliás, que uma das edições sofreu um pequeno atraso, pois a editora enfrentou problemas técnicos na digitação dos artigos. Ao que tudo indica, a própria editora (que não é anunciada) seria a responsável pela digitalização dos textos. A novidade, nesses editoriais, é que se solicita o envio de duas cópias impressas, em vez de uma. Provavelmente isso tem a ver com a avaliação duplo-cego, instituída algumas edições anteriores e em processo de consolidação. O editor recolhia essas cópias e as

enviava para avaliação por meio do correio.

Esses problemas de editoração provocavam receio nos editores, sobretudo em relação à periodicidade da revista, que buscava ainda se estabelecer. Soma-se a esses problemas técnicos o fato de, em algumas ocasiões, os números temáticos não receberem trabalhos suficientes para “fechar” uma edição e a submissão de trabalhos fora da temática, em demanda contínua, como diríamos hoje, também era insuficiente. No caso do v. 16, n. 2, p. 81, de 1995, a solução para não perder a periodicidade

[...] exigida pelo agente financiador (CNPq), foi adotarmos para esta edição uma “temática geral”, isto é, publicarmos uma série de artigos sobre diferentes assuntos, já aprovados pelo Conselho Editorial, mas que haviam ficado de fora por não se enquadrarem nos temas previstos, ou estarem fora dos prazos ou, ainda, por extrapolarem o espaço disponível na revista específica.

Chama a atenção, nesse editorial, o seguinte: se, em seu primeiro ciclo de vida, a RBCE apresentou dificuldade com artigos para avaliação, o texto acima dá a entender que havia, então, uma “fila” para publicação. Esse quadro é corroborado pela leitura de editoriais subsequentes, sendo expressão do próprio crescimento do campo nos termos da quantidade do conhecimento produzido e veiculado.

Os editoriais dos anos 1990 continuam a evidenciar a preocupação dos editores quanto ao financiamento, pois não havia garantia ou continuidade dos patrocínios obtidos. Embora não tenhamos identificado argumentos que comprovassem qualquer atraso da RBCE em função da falta de recursos (como aconteceu no seu primeiro ciclo), as dúvidas eram constantes.

Não surpreende o editorial do v. 12, n. 1, 2 e 3, de 1992, anunciar que a revista seguia em busca de auxílio financeiro, inclusive de empresas ligadas ao esporte. Essa insegurança acompanha os editores até final dos anos 1990 (EDITORIAL v. 18, n. 2, 1997; EDITORIAL v. 19, n. 1, 1997; EDITORIAL, v. 19, n. 2, 1998), embora possamos afirmar que as dificuldades envolvendo o financiamento não impediram que a RBCE conseguisse manter (em alguns momentos com pequenos atrasos) sua periodicidade em dia ao longo desse segundo ciclo.

As interrogações quanto ao financiamento conviviam com os desafios de qualificar os processos de editoração da RBCE. Muitos editoriais publicados na segunda metade da década de 1990 indicavam essa obrigação. Abaixo, um exemplo:

Tendo em vista a necessidade de aperfeiçoarmos o processo de editoração da Revista, buscando reduzir custos e prazos para sua impressão, vimo-nos impelidos a exigir o cumprimento das normas de publicação, especialmente no que se refere ao uso de processador de texto compatível com (e preferencialmente) Word/Windows 6.0, assim como o envio de disquete e de três cópias impressas do trabalho a ser submetido à apreciação do Conselho Editorial. Igualmente, por exigências editoriais, a fim de podermos requerer indexação internacional da Revista e, posteriormente, torná-la disponível também através da internet, precisamos garantir a existência de resumo em português e inglês (abstract) dos trabalhos enviados para publicação. Assim sendo, contamos desde já com a compreensão e colaboração dos nossos autores (EDITORIAL, v. 17, n. 2, p. 127, 1996).

Embora, após 17 anos de circulação, o editor ainda precise escrever aos

seus possíveis colaboradores solicitando respeito às normas de publicação, o excerto evidencia novidades, ou seja, o desejo de obter a indexação internacional da RBCE e a possibilidade de disponibilizar o periódico online, pretensões até então ausentes. No v. 18, n. 3 de 1997 e no v. 19, n. 1 de 1997, o compromisso em favor do aperfeiçoamento do processo de editoração é novamente anunciado. Esse movimento, que começa e se intensifica ao longo da década de 1990, consolida-se no início dos anos 2000. Emblemático, nesse sentido, é o editorial do v. 21, n. 2 e 3 de 2000. O editor anuncia a necessidade de um novo salto de qualidade no periódico, o início de um novo ciclo ou de uma inédita fase na busca da sua qualificação. Para tanto, são anunciadas novas mudanças. Não se publicariam mais resumos de dissertações e teses, privilegiar-se-ia, por meio das edições temáticas, a produção do conhecimento veiculado no âmbito dos Grupos de Trabalho Temático do CBCE e a revista passaria a ser publicada no formato “livro”, graças a uma parceria entre a entidade científica (CBCE) e a editora Autores Associados. O editorial seguinte (v. 22, n. 1, 2000) comunica mais alterações. As normas de publicação são “desburocratizadas”. Passa-se, também, a exigir a publicação do resumo em espanhol (o inglês estava instituído). Anuncia-se, nas normas, que a RBCE passaria a receber, também, artigos redigidos em espanhol. Essa é uma notícia importante, pois a revista, desde o v. 10, n. 2 de 1989, como já dito, só publicava artigos escritos em português.

Àquela altura, a RBCE ia se consolidando como um dos mais respeitados periódicos da Educação Física brasileira, obtendo “[...] a referência maior na classificação da Capes” (EDITORIAL, v. 21, n. 2/3, p. 3,

2000; EDITORIAL, v. 24, n. 3, 2003). Apesar das evidências em favor de sua importância, ainda havia dificuldades, notadamente as de infraestrutura e financeira. Isso é tema do editorial do v. 22, n. 1 de 2000. Embora a revista viesse, com alguma regularidade, recebendo ajuda financeira do CNPq – algo que, na opinião do editor, também era fruto do reconhecimento e qualidade alcançada pelo periódico (EDITORIAL, v. 21, n. 2/3, p. 3, 2000) –,

[...] o financiamento originário do CNPq tem enfrentado dificuldades presentes nas prioridades estabelecidas pelas políticas governamentais para ciência e tecnologia, as quais têm criado um quadro de incertezas acerca da aprovação ou não dos recursos solicitados e, quando aprovados, do momento exato de sua liberação, o que tem limitado nossas possibilidades de estabelecer um cronograma de desembolso que traduza a garantia, juntos às empresas contratadas, de ser honrado. Dessa forma, paradoxalmente, as exigências de qualidade postas por agências governamentais como o próprio CNPq e CAPES – pertinentes à periodicidade, por ex. – ficam comprometidas por conta e risco de suas próprias políticas (EDITORIAL, v. 22, n. 1, p. 8, 2000).

Os editoriais subsequentes seguem anunciando mudanças. Embora continue temática, a RBCE modifica a tipologia de sua publicação (artigos originais, de revisão e resenha) e passa a dar ainda mais atenção à normatização (EDITORIAL, v. 23, n. 3, 2002). No editorial seguinte, comemora-se o fato de a RBCE estar “[...] 100% normalizada, rigorosamente, e pode ser submetida, no item normalização, a qualquer indexador” (EDITORIAL, v. 24, n. 1, p. 7, 2002). Os esforços por vir pretendiam qualificar a

autoridade científica do periódico, tudo “[...] em função de elevar o quantum de artigos originais em cada número do periódico, combinado com progressivo aumento dos autores individuais por artigo veiculado” (EDITORIAL, v. 24, n. 1, p. 8, 2002).

Os dois primeiros editoriais do v. 25 da RBCE são expressão de que um novo ciclo foi consolidado. Digno de nota é o fato de o periódico começar a publicar, mesmo em português, artigos de colegas estrangeiros (EDITORIAL, v. 25, n. 1, 2003) traduzidos e anunciar, nas normas de publicação, que recebe textos redigidos em inglês (NORMAS DE PUBLICAÇÃO, v. 25, n. 1, 2003). Segundo o editor,

No projeto editorial em curso nesta Revista ao longo deste ciclo, foi possível observar um descompasso entre o que era feito e materializado na RBCE e o que é fazer periódico científico em nosso tempo. Em face desse descompasso, fomos levados a importar conhecimento e tecnologia, principalmente da área de ciência de informação, objetivando “empatar o jogo” para, então, começarmos a “apertar” o rigor no uso de critérios de cientificidade na RBCE, levando-os à comunidade científica, especialmente aquela que se identifica a partir da educação física [...]. É, portanto, na prática impressa na RBCE que está mais uma possibilidade de inspiração para a continuidade do processo de transformação do CBCE e do Conbrace

em espaços para a presença e atuação dessa comunidade científica que se vem qualificando, cada vez mais, em sua formação e em seu fazer científico [...] (EDITORIAL, v. 25, n. 2, 2004).

Essa qualificação se expressa no fato de a RBCE ter regularizado totalmente sua periodicidade, consolidando-se com o conceito “A” no Qualis-periódicos (EDITORIAL, v. 25, n. 2, 2004; EDITORIAL, v. 25, n. 3, 2004)⁸. Apesar do grande avanço, a editoração de revistas ainda enfrentava dificuldades antigas, como a ausência de infraestrutura, dificuldades de impressão, deficiência nos canais de distribuição, instabilidade do financiamento e problemas com autores que não respeitam as normas de publicação e que são pouco rigorosos quanto no uso de teoria e metodologia, elaboração dos resumos em inglês e espanhol e revisão de português, problemas que dificultavam a avaliação e que podiam atrasar a publicação (EDITORIAL, v. 25, n. 1, 2003; EDITORIAL, v. 25, n. 3, 2004).

Doravante, os editoriais anunciam que a tarefa dos editores é, por um lado, garantir os avanços obtidos (sua qualificação contínua) e, por outro, melhorar os indicadores de avaliação, tanto nacionais como internacionais, alinhando-se às exigências contemporâneas de cientificidade. Para tanto, outras alterações de “forma” são

8 Na ocasião em que foi escrito este editorial, o Qualis periódicos estava organizado do seguinte modo: Qualis Nacional A, B e C e o Qualis Internacional A, B e C, cada um obedecendo critérios específicos de indexação. Um periódico transformava-se em Qualis Nacional A quando era considerado, pelos critérios da Grande Área de Saúde, Qualis Internacional C. A Grande Área da Saúde definiu, para o triênio 2004-2006, que seriam classificados como Qualis Internacional C aqueles periódicos que preenchessem, simultaneamente, os seguintes critérios: 1) Estarem catalogados em pelo menos uma das seguintes bases: Medline, International Pharmaceutical Abstracts(IPA), International Nursing Index (INI); Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature (CINAHAL), SportDiscus, ERIC, Tropical Diseases Bulletin, Sociological Abstracts, Planning/Policy& Development; 2) Apresentarem além de regularidade e periodicidade, padrão internacional quanto ao formato, qualidade de conteúdo, composição do corpo editorial e de consultores, distribuição de autorias e rigor na seleção de artigos.

introduzidas (a revista deixa de ser exclusivamente editada por temas com a criação da seção “Espaço aberto”; há nova reestruturação do Conselho Editorial – introduzindo nomes estrangeiros; há necessidade de os autores declararem sua responsabilidade ao submeterem o artigo e transferirem seus direitos autorais à revista; exige-se a apresentação do número do protocolo de aprovação do projeto em Comitê de Ética etc.). Ao mesmo tempo, paulatinamente vai aumentando o número de autores estrangeiros que publica na revista (EDITORIAL, v. 29, n. 1, 2007). Nesse contexto, uma nova ambição se coloca: ela é anunciada, pela primeira vez, no editorial v. 26, n. 1, de 2004, oportunidade para os editores defenderem a necessidade de “[...] internacionalização deste periódico, fomentando o debate acadêmico como outros países a fim de qualificar cada vez mais a pesquisa e realizar a sua necessária divulgação” (EDITORIAL, v. 26, n. 1, p. 8, 2004). Nos editoriais seguintes, é recorrente esse argumento. Diante, portanto, de um quadro tão positivo,

[...] nossas atenções e esforços passam a estar voltados à ampliação do processo de indexação da RBCE nas principais bases de dados nacionais e internacionais, tarefa árdua e de longo prazo que só será possível com a seqüência do trabalho afinado com os integrantes do atual Conselho Editorial para alinharmos a revista aos critérios gerais por elas estabelecidos (EDITORIAL, v. 27, n. 3, p. 7, 2006).

A necessidade da internacionalização e de adequação aos critérios básicos dos indexadores inter(nacionais), anunciada em editoriais seguintes (EDITORIAL, v. 28, n. 1, 2006; EDITORIAL, v. 29, n. 2, 2008; v. 32,

n. 2-4, 2010; v. 33, n. 2, 2011; v. 35, n. 1, 2013), inaugura um novo ciclo de vida do periódico, caracterizado pela necessidade de sua profissionalização e visibilidade além das fronteiras nacionais. Internacionalizar e profissionalizar, portanto, são tônicas importantes desse ciclo de vida que se estende até o último volume da RBCE aqui analisado. Vejamos.

Terceiro Ciclo

Àquela altura de sua história, o periódico figura como “Internacional C” no Qualis-periódicos (2004-2006). A resposta a esse incentivo é destacada nos editoriais, pois é “[...] cada vez maior o número de autores estrangeiros que têm investido em nosso periódico para divulgar sua produção no Brasil” (EDITORIAL, v. 29, n. 1, p. 8, 2007). Decisões editoriais são tomadas com vistas a aumentar sua inserção internacional. Há incremento de revisores de fora do País, convite a colegas estrangeiros para compor a equipe de trabalho, bem como o Conselho Editorial, implantação da RBCE no Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) (tornando a submissão, a partir do v. 29, n. 3 de 2008, totalmente eletrônica), o que facilita a colaboração de colegas de outros países. A propósito, no editorial do v. 32, n. 2-4 de 2010, anuncia-se a inserção, na equipe, de um colega da Universidade Nacional de La Plata, cuja tarefa é dinamizar as relações com o universo de língua espanhola. No editorial do v. 33, n. 4 de 2011, noticia-se que outro colega argentino é convidado para compor o Conselho Editorial da RBCE.

Nesse contexto, merece destaque o número expressivo de artigos submetidos a

revista oriundos de países de língua espanhola, sobretudo de colegas da Argentina. Em menor número são as submissões em inglês, mas sua presença na revista já pode ser notada no v. 32, n. 1 de 2010, em que, pela primeira vez, aparece um artigo publicado, na íntegra, em inglês.⁹ Todo esse movimento, diz o editorial, “[...] aponta para o prosseguimento da internacionalização da RBCE e da área como um todo: publicamos trabalhos de pesquisadores estrangeiros, dialogamos com eles por meio dos nossos” (EDITORIAL, v. 34, n. 3, p. 520, 2012). No editorial do primeiro número de 2011, esse processo de internacionalização já havia sido destacado, sendo caracterizado como um indicador positivo não apenas para a RBCE, mas também para a comunidade da Educação Física/Ciências do Esporte, “[...] cada vez mais vista como interlocutora privilegiada no plano internacional” (EDITORIAL, v. 33, n. 1, p. 9, 2011).¹⁰

A visibilidade internacional dos periódicos pressupõe uma corrida rumo aos mais renomados indexadores. Eles conferem prestígio e ainda garantem uma melhor avaliação das revistas no Qualis-periódicos. Esse processo, conforme argumentamos, tem início no ciclo anterior da RBCE, quando os editores defendem a necessidade de se adequar aos critérios exigidos pelos indexadores. Esse imperativo se materializa mais fortemente nessa nova fase, com a inserção da RBCE em indexadores como a Literatura Latino-Americana e do Caribe

em Ciências da Saúde (Lilacs) e o Science Electronic Library Online (SciELO), que a garantiu no estrato B1 do “novo” Qualis-periódicos (2010-2012), o qual entrou em vigor a partir de 2010.

Não basta, todavia, o reconhecimento das bases; é preciso um esforço editorial no sentido de manter os indicadores obtidos e também alcançar novos patamares de cientificidade (exigidos pelos indexadores). Essa “pressão” para os editores, mas que reverbera no campo acadêmico, coloca na ordem dia a necessidade de se profissionalizar o trabalho de editoração dos periódicos e, ao mesmo tempo, a própria relação que a área estabelece com suas revistas. Dois editoriais publicados tratam diretamente do assunto. Em ambos, os editores afirmam:

A profissionalização das revistas científicas é um movimento que alcança todas as áreas de conhecimento, inclusive aquelas ainda em processo de consolidação, como a Educação Física/Ciências do Esporte. Não é diferente com a RBCE, que vem se empenhando para refinar a forma de gestão de suas atividades, processo desafiador para todos os envolvidos nela. Antes de operar com uma estrutura eficiente, é preciso ainda gerá-la. Muito do que desejamos para a RBCE depende de um salto qualitativo importante no plano da gestão (EDITORIAL, v. 34, n. 2, p. 261, 2012).

É muito importante que a Educação Física/Ciências do Esporte siga discutindo as questões pertinentes à produção e difusão do conhecimento e que, no inte-

9 Nas edições seguintes, até o vol. 33, n. 1 de 2013, último número analisado no presente trabalho, apenas mais um artigo foi publicado em língua inglesa, no vol. 34, n. 3, de 2012. Já o número de artigo em espanhol foi maior neste período: 15 artigos publicados nesse idioma entre 2008 (vol. 29, n. 3) e 2013 (vol. 33, n. 1).

10 Entre 2011 (vol. 33, n. 1) e 2013 (vol. 35, n. 1), ou seja, em nove edições da RBCE, 19 autores vinculados a instituições estrangeiras assinaram individual ou coletivamente, em parceria com pesquisadores brasileiros, artigos publicados.

rior desse intercâmbio de ideias e busca de soluções, aborde o problema da profissionalização do processo de gestão dos periódicos. A simples sobrevivência de nossas publicações é uma questão ainda não resolvida, dependentes que somos de recursos incertos e sazonais. Este tema, já abordado em outros editoriais, precisa ser enfrentado sem medos ou preconceitos. Ou as revistas se profissionalizam e deixam de viver à custa da dedicação de alguns, ou elas, e a área como um todo, seguirão com dificuldades em avançar (EDITORIAL, v. 34, n. 3, p. 519, 2012).

As tarefas que daí decorrem são anunciadas nos editoriais dessa fase. Mais alterações de “forma”, nas normas de publicação e na política editorial, são propostas. A RBCE deixa de ser temática, pois a intenção agora é incentivar ainda mais o aumento de submissões; passa a ser uma publicação trimestral; suspende a submissão de artigos de revisão – incentivando a submissão de artigos originais; renova o Conselho Editorial e cria a figura do editor de dossiê; valoriza a pluralidade metodológica e epistemológica, o que levou a uma presença maior dos trabalhos oriundos das ciências naturais; muda o sistema de seriação e numeração etc. Parte dessas mudanças é proveniente das demandas e exigências colocadas pelas novas bases indexadoras, mas também é expressão de uma política editorial afinada com esse novo período vivido pela RBCE.

Nesse contexto, dificuldades continuam sendo enfrentadas. Uma delas atravessa a história da RBCE, como temos visto nas páginas anteriores. Embora o campo acadêmico tenha amadurecido muito, autores continuam procedendo às submissões sem respeitar as normas que a regem (EDITORIAL, v. 31, n. 1, p. 8, 2009). Os artigos chegam

[...] até o periódico com resumos que nada dizem dos artigos correspondentes, apresentando-se como, no máximo, uma breve introdução a eles. O mesmo pode ser dito das palavras-chave escolhidas pelos autores, um problema enorme para os indexadores, e que talvez possa ser minimizado com os esforços que vêm sendo feitos para que novos bancos para a área se construam. As referências bibliográficas, por sua vez, muitas vezes são incompletas e desordenadas. Fragilidade de nossos programas de formação para a pesquisa? Certamente, tanto no plano da iniciação científica quanto na pós-graduação. Debilidade que também é a da RBCE e de outros periódicos, e que apenas por meio de um esforço coletivo – uma vez que o sucesso de um periódico não pode ser o resultado das dificuldades do outro – paciente, mas sem trégua, poderá ser superado (EDITORIAL, v. 31, n. 2, p. 8, 2010).

Nesse mesmo editorial, mas também nos seguintes, outra dificuldade é comentada: a qualidade dos pareceres exarados. No “atletismo acadêmico” em curso, emitir pareceres não é uma das atividades mais valorizadas (EDITORIAL, v. 32, n. 2-4, 2010). Além da demora em comunicar a (in)disposição para a avaliação, com frequência os revisores examam pareceres pouco detalhados, com muitos adjetivos e pouca análise. Esse quadro dificulta o processo decisório, de modo que o artigo precisa, com muita frequência, ser avaliado por vários colaboradores. Como consequência, há atraso na avaliação, o que evidencia que essa prática ainda não está devidamente incorporada na rotina acadêmica dos pesquisadores do campo. A questão é tão importante que o editorial “Os processos de revisão de artigos” é dedicado ao tema. Conforme sua letra,

O processo de revisão dos artigos tem sido um dos pontos de maior reclamação de autores que submetem seus trabalhos à RBCE. Eles têm razão, de fato, a avaliação é demorada, chegando a vários meses em alguns casos. Trata-se de um problema de difícil solução, mas que temos tentado amenizar de diversas formas, tais como a ampliação massiva do corpo de revisores, a elaboração de estratégias de comunicação mais efetiva, a realização de orientações mais claras, detalhadas e objetivas nos formulários de avaliação. Mesmo assim, a demora ainda é grande, situação que se agrava ainda mais pelo crescimento das já numerosas submissões. Os pedidos de avaliação, bem como os constantes lembretes enviados aos revisores, têm efeito limitado em relação a muitos pesquisadores, uma vez que o encargo pouco traz de vantagens acadêmicas para seus autores, sendo nenhum o ganho pecuniário. Se as revistas, e consequentemente a área de conhecimento, dependem, para sua sobrevivência, dos revisores, então precisamos pensar coletivamente em formas de minimizar todas essas dificuldades. A RBCE não se esquivava desse processo (EDITORIAL, v. 34, n. 1, p. 9, 2012).

Financiamento é outra preocupação recorrente também nesse ciclo da RBCE. No seu passado, vimos que a falta dele (ou sua inconstância) provocou problemas com periodicidade. Apesar de essa situação estar regularizada, o financiamento é objeto de comentários em vários editoriais. O grande problema é sua incerteza, o que coloca em risco a boa saúde dos impressos e mesmo seu crescimento. Exemplar dessa dificuldade é que a RBCE recebeu, em 2012, apoio do CNPq e da Capes por meio de um edital destinado à editoração científica (Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES n. 68/2011). O suporte, contudo, não foi renovado em 2013. Os editores buscam as soluções que estão

ao seu alcance. Duas delas se destacam: a mudança da editora que publica a RBCE (a “Tribo da Ilha” substituiu a “Autores Associados”) e a posterior decisão de extinguir, a partir de 2013, a publicação no formato papel. Entre os argumentos que fundamentam essas decisões, a redução de gastos está entre os mais importantes. Outro é o desejo, ainda não concretizado, de empregar a verba de impressão na editoração de mais edições por ano. Os editores são claros na sua posição: sem que o financiamento das publicações seja garantido na perspectiva de longo prazo,

[...] não é possível pensar no futuro das revistas. É necessário que tenhamos estratégias para que isso aconteça, algo que precisa ter origem em um acordo mínimo entre aqueles que atuam na pesquisa, em especial os periódicos – nossos parceiros e não adversários – e os programas de pós-graduação. A RBCE quer enfrentar esse debate (EDITORIAL, v. 34, n. 2, p. 261, 2012).

Ao mesmo tempo em que, no seu terceiro ciclo de vida, a RBCE se organiza com o propósito de se profissionalizar e de expandir sua influência internacional, começam a aparecer, nos editoriais, as primeiras críticas ao modo como as políticas de avaliação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* têm sido conduzidas pelas agências de fomento, como Capes e CNPq. Aliás, uma das edições de 2007 (quando se problematiza isso pela primeira vez, considerando os três ciclos da RBCE) apresenta sua seção temática dedicada à política científica e de produção de conhecimento em Educação Física. Segundo o editorial dessa edição, se as exigências daquelas duas instituições têm resultado no aumento da produção da área, ao mesmo tempo trazem consequências

para pesquisas em determinadas subáreas da Educação Física e por isso “[...] merecem uma avaliação mais cautelosa sobre os critérios por elas adotados” (EDITORIAL, v. 29, n. 1, p. 7, 2007). Os desafios daí recorrentes produzem inúmeros impactos na editoração dos periódicos científicos, mas não teremos condições de, neste texto, abordá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, realizamos uma descrição do ciclo de vida da RBCE. A leitura dos editoriais permitiu identificar três fases ou momentos em sua história.¹¹ Em cada uma delas, destacamos as principais dificuldades, os desafios e alguns dilemas dos editores na condução de sua política científica.

Apesar das especificidades de cada momento, é possível concluir que algumas dificuldades, desafios e dilemas atravessaram o ciclo de vida do periódico estudado. Por exemplo, a preocupação com a periodicidade, com o financiamento e com trabalhos que não respeitam as normas de publicação é questão enfrentada pelos editores desde que a RBCE começou a circular até hoje. Nem mesmo o crescimento da Pós-Graduação *Stricto Sensu* foi capaz de resolver esse quadro, que é comum também a outros periódicos e provoca grandes problemas de editoração. Por exemplo, a inconstância de financiamento público em longo prazo coloca sob risco um projeto de profissionalização e pode levar a dificuldades com periodicidade. A não

observância às normas de publicação obriga os editores a deslocar membros da equipe editorial para fazer um trabalho que, em princípio, deveria ser feito pelo autor. Isso, associado à longa demora no processo de arbitragem, atrasa a decisão editorial final, o que é péssimo para os colegas do campo acadêmico.

Notamos, também, que algumas dificuldades foram superadas. Por exemplo, do primeiro para o segundo ciclo da revista, saímos de uma situação em que não havia trabalhos para se publicar (o que ocasionava problemas com periodicidade) para a necessidade de se criar uma “fila” de publicação. Essa “fila”, que também induz a novas dificuldades, não só aumentou no último ciclo do periódico, como o índice de rejeição dos artigos tem se tornado cada vez mais alto. O editorial do 29(2) de 2008 anuncia que esse índice beirou os 65%.

Se algumas dificuldades foram superadas, há desafios que estão na ordem do dia. A profissionalização e a internacionalização, objetivos declarados nos editoriais da última fase, são questões imperativas para a RBCE. O futuro da revista, mas também dos demais periódicos científicos da área, pressupõe uma reflexão séria sobre essas demandas. A profissionalização pode, por exemplo, tornar os processos de arbitragem mais rápidos, já que é possível, neste processo, a criação de medidas que valorizem esse trabalho. Isso não é pouco, especialmente porque o tempo médio entre a submissão de um artigo e a sua publicação, no caso das revistas brasileiras de Educação Física, é bastante alto. A demora nos

11 Neste artigo, realizamos uma descrição do ciclo de vida da RBCE. A leitura dos editoriais permitiu identificar três fases ou momentos em sua história

prazos de publicação é fator importante na definição do destino de um artigo por parte dos autores, seja porque a publicação dos resultados não deve demorar, em função da natureza e alcance dos trabalhos, seja porque os investigadores necessitam credenciar sua produção científica (VILLAMON *et al.*, 2012; JOB, 2013). A visibilidade internacional de um periódico, por sua vez, pressupõe um esforço editorial na direção dos mais renomados indexadores – a RBCE, em 2013, obteve indexação na “Web of Science” (WoS) (da empresa “Thomson Scientific”, antigo “Institute for Scientific Information” – ISI) e na “SciVerse Scopus” – mas também a reflexão sobre a possibilidade de publicação dos artigos na língua oficial da ciência: o Inglês. Acontece que uma política científica em favor desses dois imperativos está envolta em ambiguidades e paradoxos que precisam ser considerados pelos editores científicos, pelo CNPq, pela Capes e, claro, pelos pesquisadores da área envolvidos na Pós-Graduação Stricto Sensu. Alguns colegas têm problematizado esses desafios (LOVISOLO, 2003, 2007; BRACHT, 2007; RIGO; RIBEIRO; HALLAL, 2011). Por falta de espaço, porém, não podemos avançar na análise dos impactos que eles produzem nos processos de editoração de revistas científicas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Aálise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BETTI, M. et al. A avaliação da educação física em debate: Implicações para a subárea pedagógica e sociocultural. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v.1, n.2, 183-194, nov. 2004.
- BRACHT, V. Por uma política científica para a educação física com ênfase na pós-graduação. In: FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 2006, Campinas. Disponível em: < <http://www.cbce.org.br/br/acontece/materia.asp?id=312> >. Acesso em: 15 jan. 2013
- BRACHT, V. O CBCE e a pós-graduação stricto sensu da educação física brasileira. In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (Eds.), **Política científica e produção de conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 73-85
- BRACHT, V. Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos. In: GOMES, I. M.; ALMEIDA, F. Q.; VELOZO, E. L. (Eds.). **Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos para a educação física**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2013. p. 19-30
- CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (Coord.). **Política científica e produção de conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.
- CASTELLANI FILHO, L. CBCE: Partilhando sua história. In: CARVALHO, Y. M.; LINHALES, M. A. (Eds.). **Política científica e produção de conhecimento em educação física**. Goiânia: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007. p. 107-137
- CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. O catálogo da imprensa periódica educacional paulista (1890-1996): um instrumento de pesquisa. In: CATANI, D.B.; SOUSA, C.P. (Orgs.). **Imprensa educacional paulista (1890-1996): catálogo**. São Paulo: Editora Plêiade, p. 9-30.
- DAMASCENO, L. G. **A educação física na formação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Campinas: Papirus, 2013.

- JOB, I. **Gestão editorial das revistas brasileiras do campo da educação física e ciências do esporte**. 2013. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- LOVISOLO, H. R. A política de pesquisa e a mediocridade possível. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.24, n.2, p. 97-114, jan. 2003.
- LOVISOLO, H. R. Levantando o sarrafo ou dando tiro no pé: critérios de avaliação e qualis das pós-graduações em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.29, n.1, p. 23-33, set. 2007.
- MANOEL, E. J.; CARVALHO, Y. M. Pós-graduação na educação física brasileira: a atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.2, p. 389-406, ago. 2011.
- PAIVA, F. S. L. **Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**. Vitória: CEFD/UFES, 1994.
- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, v. 24, n. 2, p. 7-218, jan. 2003. Quadrimestral.
- REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. Campinas: Autores Associados, v. 29, n. 1, p. 7-210, set. 2007. Quadrimestral.
- RIGO, L. C.; RIBEIRO, G. M.; HALLAL, P. C. Unidade na diversidade: desafios para a educação física no século XXI. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v.16, n.4, 339-345, 2011.
- STIGGER, M. P. et al. Revista Movimento: análise dos sentidos e da repercussão de um periódico que “se faz” no campo da educação física brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n. especial, 113-154, fev. 2011.
- VILLAMON, M. H. et al. Estudio comparativo de cinco revistas de ciencias del deporte indizadas en WoS. **Revista de Psicología del Deporte** [online], v. 21, n.2, p. 281-287, 2012.
- APRESENTAÇÃO. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.10, n.2, p.47, jan. 1989.
- COMUNICADO DOS EDITORES DA RBCE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.4, n.2, p. 66, jan. 1983.
- COMUNICADO DOS EDITORES DA RBCE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 4, n.3, p. 102, maio, 1983.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Caetano do Sul, v.1, n.2, p. 5, jan. 1980.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Caetano do Sul, v.2, n.3, p.5, maio 1981.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.4, n.2, p.29, jan. 1983.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.4, n.3, 73, maio, 1983.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.6, n.1, p. 99, set. 1984.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 6, n.2, p. 137, jan. 1985.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 6, n.3, p. 175, maio 1985.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.10, n.2, p. 46, jan. 1989.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, 10, n.3, p.2, maio 1989.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.11, n.2, p.105, jan. 1990.

- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.11, n.3, p. 169, dez. 1990.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.12, n.1, 2 e 3, p. 247, 1992.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Maringá, v.14, n.3, p.109, maio, 1993.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v.15, n.2, 165, jan. 1994.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v.15, n.3, p.225, jun. 1994.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Santa Maria, v.16, n.2, p. 81, jan. 1995.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.17, n.2, p. 127, jan. 1996.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.18, n.2, p.81, jan. 1997.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.19, n.1, p.3, set. 1997.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.19, n.2, p.3, jan. 1998.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.21, n.2/3, p.3, jan/maio, 2000.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.22, n.1, p. 7-8, set. 2000.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.23, n.3, p. 7-8, maio 2002.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.24, n.1, p. 7-8, set. 2002.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.24, n.3, p. 7-8, maio, 2003.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n.1, p. 7-8, set. 2003.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n. 2, p.7-8, jan. 2004.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.25, n. 3, p.7-8, maio 2004.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n.1, p. 7-8, set. 2004.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.27, n.3, p. 7, maio 2006.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.28, n.1, p. 7, set. 2006.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.29, n.1, p. 7-8, set. 2007.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.29, n.2, p.7-8, jan, 2008.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.31, n.1, p. 7-8, set. 2009.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.31, n.2, p. 7-9, jan. 2010.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.32, n. 2-4, p. 9-10, dez. 2010.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.1, p. 9-10, jan/mar. 2011.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.2, p.281-282, abr/jun. 2011.

- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.33, n.4, p. 807-808, out/dez. 2011.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.34, n.1, p.9-10, jan/mar. 2010.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.34, n.2, p. 261-262, abr/jun. 2012.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v.34, n.3, p. 519-520, jul/set. 2012.
- EDITORIAL. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n.1, p.12, jan/mar. 2013.
- NORMAS DE PUBLICAÇÃO. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Volta Redonda, v.4, n.1, p. 21-24, set. 1982.
- NORMAS DE PUBLICAÇÃO. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 49, jan. 1989.
- NORMAS DE PUBLICAÇÃO. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n.1, p. 209-210, set. 2003.

VICISSITUDES OF A HISTORY OF RBCE (BRAZILIAN JOURNAL OF SPORTS SCIENCES): 35 years of scientific publishing (1979-2013)

ABSTRACT

This paper is about difficulties, challenges and dilemmas to lead scientific journal of Physical Education in Brazil. It makes a content analyses of the editorials of RBCE- "Brazilian Journal of Sport Sciences" (1979-2013). The results show up the evolution of RBCE, but also its difficulties, challenges and epistemological and political dilemmas the editors and Physical Education at all have been facing to conduce the scientific policy to conduce scientific police of the oldest Brazilian magazine of Physical Education.

Keywords: Scientific Journals; Pos-graduation; Science; Physical Education

VICISITUDES DE UNA HISTORIA DE LA RBCE: 35 años de la edición científica (1979-2013)

RESUMEN

Trata de las dificultades, desafíos y dilemas de la editoración de las revistas científicas en la educación física brasileña. Utiliza la "Revista Brasileira de Ciências do Esporte" (1979-2013) como fuente, a partir de la cual opera un análisis de contenido de los editoriales publicados desde sus comienzos en 1979 hasta el año de 2013. El análisis demuestra la evolución científica de la revista, pero también las dificultades, desafíos y dilemas políticos y epistemológicos de sus editores (y el área que representan) para conducir la política científica de la revista más antigua del campo de la Educación Física en Brasil que todavía sigue en actividad.

Palabras clave: Periódicos; Postgrado; Ciencia; Educación Física

Recebido em: setembro/2015

Aprovado: novembro/2015